

A POBREZA NA RIBEIRA GRANDE
DURANTE A SECUNDA METADE DO SÉCULO XVI:
Estudo quantitativo baseado nos Registos de Óbito

por
MARÍLIA DE ASSIS TAVARES *

Flagelo social comum a todas as épocas e a todos os lugares, a pobreza foi um dos mais angustiantes problemas com que os vários países europeus tiveram de se defrontar no decorrer da Idade Moderna.

Uma boa prova da gravidade da situação encontra-se nas múltiplas disposições legais que tinham como objectivo diminuir os inconvenientes resultantes da existência de numerosos bandos de vagabundos e de desempregados. Além disso as autoridades pretendiam também criar estruturas adequadas que assegurassem uma assistência permanente aos pobres. Assim aconteceu por exemplo na cidade de Ipres onde, em 1525, foi criada uma espécie de Bolsa Municipal que auxiliasse os necessitados, ou na Inglaterra, onde foram aprovadas em 1601 as «Poor Laws» que igualmente estabeleciam uma ajuda aos pobres¹.

Como é natural, também os Estados Ibéricos não ficaram imunes a este autêntico surto de pauperismo. No caso concreto

* Do Departamento de História da Universidade dos Açores.

¹ Valentin Vasquez de Prada, *História Económica Mundial*, vol. I, Porto, Livraria Civilização, 1982, p. 361.

do nosso País, existem diversos diplomas legais dos séculos XVI e XVII com que as autoridades pretendiam reprimir e regular a mendicidade e de que são exemplo a lei de 26 de Novembro de 1538; os alvarás de 4 de Novembro de 1544, de 2 e 25 de Junho de 1570 e de 16 de Junho de 1579; a carta régia de 6 de Novembro de 1558 e os regimentos dos quadrilheiros dos bairros de 12 de Março de 1603 e de 25 de Dezembro de 1608 ².

Sabe-se também que a assistência aos pobres tomou entre nós um novo incremento a partir dos anos finais da época quatrocentista, devido principalmente à fundação das Misericórdias, instituições de auxílio aos necessitados cujas raízes se podem encontrar nas variadas confrarias de caridade que floresceram em toda a Cristandade desde os tempos medievais ³.

No entanto, e embora pareça não haver dúvidas acerca da existência de um elevado número de desamparados, o que é certo é que os estudos quantitativos da pobreza relativos aos países europeus durante a Época Moderna são ainda escassos, nomeadamente aqueles que tomam como ponto de partida os arquivos paroquiais, que nos podem fornecer valiosas informações sobre o tema em questão ⁴.

² Ruy d'Abreu Torres, «Mendicidade», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1979, pp. 254 e 255.

³ Fernando da Silva Correia, «Misericórdias», in *D.H.P.*, vol. IV, pp. 312 e segs.

⁴ Referindo-se concretamente a este problema o historiador espanhol Claude Larquié, depois de afirmar que a abordagem do pauperismo tem sido feita quase sempre segundo uma perspectiva qualitativa, acrescenta que «as investigações contemporâneas, fiel espelho da penúria das fontes, são, tanto no ponto de vista social como demográfico, escassas e limitadas». Todavia este autor não deixa de citar alguns investigadores, como B. Bennassar que, na sua obra, *Valladolid au Siècle D'Or* dedica um capítulo aos necessitados, tomando como ponto de partida os dados fornecidos pelos arquivos paroquiais. Claude Larquié, «Un Estudio Cuantitativo de la Pobreza. Los Madrileños y la Muerte en el Siglo XVII», in *Hispania*, 146, (1980), pp. 577 e 578. B. Bennassar, *Valladolid au Siècle D'Or* Paris, 1966.

Efectivamente deve salientar-se a importância dos registos paroquiais, com particular realce para os livros de óbitos, que são uma boa fonte para o estudo do pauperismo uma vez que, cobrindo um espaço de tempo bastante dilatado, permitem que se tenha uma ideia consideravelmente aproximada do problema da pobreza e da sua evolução.

Foram precisamente as actas de óbito, lavradas pelos sacerdotes da freguesia da Matriz da Ribeira Grande e da freguesia de S. Pedro da Ribeira Seca, que serviram de base à elaboração deste pequeno estudo, no qual se pretende fazer uma análise estatística do pauperismo nestas paróquias micae-lenses durante a segunda metade do século XVI.

I. NOÇÃO DE POBREZA. ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS FONTES

Basta folhear os livros de óbitos ribeiragrândenses para que a nossa atenção seja atraída pelas frequentes anotações marginais com que os sacerdotes classificavam de pobres determinados indivíduos falecidos.

Da salientar que estas anotações, no caso da Ribeira Grande quinhentista, apenas se encontram nos livros de óbitos, não aparecendo nunca nem nos de baptismos, nem dos de casamentos⁵.

Para explicar este facto, poderemos sem dificuldades admitir que, tanto o casal que contraía matrimónio, como os pais das crianças que se baptizavam, conseguiriam amealhar, com maiores ou menores dificuldades, a soma indispensável para fazer face às despesas resultantes da celebração das referidas cerimónias⁶.

⁵ Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, *Paroquiais*, Ribeira Grande.

⁶ Claude Larquié, *art. e lug. cit.*, p. 579.

Ao invés, as situações de carência revelar-se-iam em toda a sua crueza no momento da morte pois, neste transe, haveria menos escrúpulos em recorrer quer à caridade de certas instituições, como as confrarias, quer à boa vontade dos sacerdotes. Esta atitude pode atribuir-se não só ao egoísmo dos herdeiros e familiares, mas também à real miséria que frequentemente era a companheira inevitável dos velhos que já não podiam trabalhar, das viúvas ou dos órfãos. Sendo assim, não nos parece arriscado afirmar que a morte pode ser considerada como um bom índice do pauperismo.

É, no entanto, possível levantar várias questões em relação aos documentos acima referidos e isto na medida em que não era impossível que os familiares dos defuntos prestassem falsas declarações para preservar o seu quinhão. Como é óbvio, se tal se verificasse, as informações contidas nos registos paroquiais perderiam parte do seu valor porque não traduziriam a verdadeira situação das populações em relação à pobreza.

Com efeito, não custa admitir que os herdeiros tivessem vantagens em mascarar a verdadeira situação económica do falecido pois, deste modo, poderiam eximir-se quer ao pagamento de certos direitos exigidos por motivo de morte, como era o caso das mortuárias, quer ao pagamento das cerimónias religiosas do funeral.

Mas, por outro lado, importa sublinhar que não se pode sobrevalorizar a importância destas hipotéticas declarações falsas. De facto, não podemos esquecer que a Ribeira Grande era, na segunda metade do século XVI, uma povoação relativamente pequena. Segundo Gaspar Frutuoso, por altura de 1577 a freguesia da Matriz contaria com 734 fogos e 2583 almas de confissão. Quanto à freguesia de S. Pedro da Ribeira Seca, criada em 1577, teria 191 fogos e 683 almas de confissão⁷.

⁷ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. XLVI, Ponta Delgada, 1924, p. 337.

Esta reduzida dimensão permitiria que tanto as autoridades civis, como as autoridades eclesiásticas tivessem possibilidades de conhecer bastante bem a real situação de todos os moradores da vila e, como é evidente, este facto desencorajaria os possíveis autores de declarações abusivas.

Por conseguinte, não será demasiadamente arriscado concluir que os livros de óbitos da Ribeira Grande reflectem uma imagem razoavelmente aproximada no que diz respeito ao peso do pauperismo e à sua evolução durante a segunda metade do século XVI.

Torna-se, contudo, necessário referir desde já a existência de dificuldades inultrapassáveis devido a certas lacunas resultantes do mau estado de conservação do primeiro livro de óbitos, que cobre o período compreendido entre 1556 e 1580, livro este em que chegam a faltar registos correspondentes a anos inteiros, como acontece com os anos de 1572, 1573, 1574, 1575, 1576, 1577, 1578 e 1579. Além disso, outros anos há, como o de 1560 e o de 1571, em que só aparecem, respectivamente, 5 e 3 actas referentes a falecimentos⁸.

Um outro problema que interessa focar é o que se prende com as diferentes categorias de pobreza, uma vez que é errado supor que os miseráveis constituíam um grupo perfeitamente homogéneo.

Fenómeno essencialmente económico que se traduz pela carência dos bens que satisfazem as necessidades humanas, a pobreza comporta vários graus de intensidade e a existência destas diferenças é visível nos livros de óbitos da Ribeira Grande, pois as pessoas aparecem ali classificadas ou como pobres, ou como muito pobres, ou ainda como pedintes, o que se pode considerar como correspondendo a uma certa hierarquização da miséria.

Efectivamente não é descabido concluir que a situação de um tal Pedro Fernandes, designado como pobre, falecido na Fre-

⁸ B.P.A.P.D., *Paroquiais*, Liv. 1 de óbitos da Ribeira Grande.

guesia da Matriz em 21 de Janeiro de 1598, e que manda que após a sua morte lhe façam um ofício de 3 lições ofertado com 3 alqueires de trigo e 3 canadas de vinho, era diferente da de uma mulher chamada Inês Roiz, falecida na mesma freguesia em 20 de Setembro de 1584, que não fez testamento por ser muito pobre e pedir pelas portas, e diferente ainda da situação de um criado de António de Sá, falecido em 3 de Julho de 1559, que não fez testamento por ser pobre e a quem o referido António de Sá mandou fazer um ofício⁹.

Porém, e embora pareça não haver dúvidas acerca destas diferenças, o que é certo é que se deve reconhecer que é muito difícil distinguir com exactidão, os vários níveis da miséria, na medida em que não se pode determinar com rigor o tipo de vida que tinham estes necessitados, com excepção dos mendigos que, tal como acontece nos dias de hoje, se veriam obrigados a angariar o seu sustento nas ruas, às portas das igrejas ou noutros locais frequentados, subsistindo, assim, graças à caridade pública ou privada.

No entanto, e a dar crédito ao testemunho do Doutor Gaspar Frutuoso, a mendicidade não teria afligido grandemente as populações ribeiragrândenses durante a época quinhentista e os pobres desta vila açoreana viveriam mesmo com um relativo desafogo, conforme se pode depreender da seguinte passagem das *Saudades da Terra*: «Pelo que parece que em nenhuma terra do mundo se acharão homens mais isentos que os pobres d'ela que, como têm quatro sacos de trigo, duzentas abóboras, dez alqueires de favas e algumas cebolas, com dois cabos de alhos e um porco à porta, e cada um tem sua casinha, ou própria ou de fôro, sem sentir necessidade alguma, tem-se por mais fortes e ricos que todo o mundo»¹⁰.

Mas, apesar do insignificante número de mendigos registados confirmar de certo modo estas afirmações de Frutuoso,

⁹ B.P.A.P.D., *Paroquiais*, Livs. 1 e 2 de óbitos da Ribeira Grande.

¹⁰ Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, Liv. IV, cap. XLVI, pp. 333 e 335.

o que é certo é que existiram pobres na Ribeira Grande durante o século XVI e neste estudo iremos debruçar-nos precisamente sobre aquelas pessoas que aparecem assinaladas nos livros de óbitos como pertencendo ao mundo da pobreza.

De salientar que alguns destes necessitados eram enterrados graças à generosidade dos mais ricos, aparecendo com relativa frequência cláusulas testamentárias feitas a favor das instituições de caridade que existiam na Ribeira Grande.

Embora não se possa pôr em dúvida que alguns destes legados correspondiam a uma caridade autêntica, também se pode pensar que, com frequência, os ricos obedeceriam a motivos egoístas pois, muitas vezes, eles, mais afortunados, veriam nos pobres uma via segura para atingir a bem-aventurança eterna ¹¹.

II. O PESO DA POBREZA NA RIBEIRA GRANDE DURANTE O PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE 1556 A 1600

De 1556 a 1600 foram registados nas freguesias de Nossa Senhora da Estrela ou Matriz da Ribeira Grande, 1206 óbitos distribuídos da seguinte maneira: 501 homens, 608 mulheres e 97 menores ¹².

Destas 1206 pessoas são consideradas como pobres 436: 164 homens, 228 mulheres e 44 menores, o que corresponde a uma percentagem de 36,15 % em relação ao total dos faleci-

¹¹ Ver Maria Ângela Beirante, «Para a História da Morte em Portugal (séculos XII-XIV)», in *Estudos de História de Portugal*, vol. I, sécs. X-XIV, Lisboa, Estampa, 1981.

¹² Habitualmente os registos de óbitos ribeiragrandenses do séc. XVI são omissos quanto à idade dos falecidos. Em relação aos menores, nos poucos casos em que a idade aparece mencionada, trata-se sempre de crianças que morreram com idade igual ou superior a 7 anos.

mentos registados, entrando as mulheres com 52,29 % e os homens com 37,61 %.

Resolvemos mencionar os menores em separado na medida em que o número de filhos famílias que não faziam testamento por não terem idade e por serem pobres ou muito pobres atinge uma percentagem equivalente a 45,36 % do total dos registos de óbitos referentes a menores e a 10,09 % em relação ao total dos indivíduos economicamente desfavorecidos.

Para a outra paróquia da Ribeira Grande, S. Pedro da Ribeira Seca, criada em 1577, encontrou-se um total de 108 óbitos: 50 homens, 54 mulheres e 4 menores.

De notar que o número de pessoas assinaladas como pobres é muito limitado nesta freguesia pois, num total de 108 óbitos apenas aparecem 9 actas referentes a necessitados, o que corresponde a uma percentagem de 8,33 %, visivelmente inferior à que foi encontrada para a freguesia de Nossa Senhora da Estrela.

Poderemos perguntar quais as causas de uma tal disparidade e, a este respeito, é possível formular várias hipóteses: negligência dos padres de S. Pedro que se esqueceriam de anotar as palavras pobre ou muito pobre à margem das actas? Mas neste caso, se anotavam algumas porque não o faziam em todas? Diferente composição social desta paróquia, onde haveria uma predominância de pessoas economicamente favorecidas? Maiores dificuldades em forjar declarações fraudulentas, dada a menor dimensão de S. Pedro da Ribeira Seca?

Qualquer destas hipóteses poderia dar uma solução ao problema mas, na ausência de mais elementos, seria arriscado privilegiar qualquer uma delas, pelo que a questão terá de ficar em aberto.

Dado o pouco peso, aparente ou real, da pobreza em S. Pedro da Ribeira Seca, resolvemos dar uma maior atenção à freguesia da Matriz, que oferece um campo mais vasto à investigação.

Consultando os quadros e gráficos anexos é fácil verificar que, ao longo da época quinhentista, a percentagem dos deser-

dados é bastante significativa e, como causa desta situação, poderemos apontar, antes de mais, certas dificuldades de ordem económica que se fizeram sentir no arquipélago dos Açores a partir de meados do século XVI¹³.

De facto podemos constatar que, a partir desta altura, a agricultura açoreana irá conhecer alguns problemas, designadamente no que concerne à cultura do trigo, que era o principal produto do arquipélago.

Assiste-se agora a uma quebra de produtividade deste cereal, quebra esta que pode atribuir-se ao depauperamento dos solos e ao aparecimento de diversas pragas que atacaram as searas¹⁴.

Por outro lado convém não esquecer que o trigo açoreano era exportado em quantidades consideráveis para o continente e para as praças do Norte de África, independentemente das necessidades de abastecimento local estarem ou não asseguradas¹⁵.

Como é óbvio, estes dois factores irão contribuir para um aumento apreciável do preço do trigo, o que virá a prejudicar as camadas economicamente mais débeis, cuja base de alimentação era precisamente o pão¹⁶.

A juntar a tudo isto, deve ainda referir-se que a maioria dos agricultores açoreanos era constituída por rendeiros e, se nos lembrarmos que, segundo refere o Doutor Gaspar Frutuoso, os donos das terras mantêm as mesmas rendas apesar da diminuição da produtividade, facilmente podemos concluir

¹³ Ver Quadro I e Gráficos I e II.

¹⁴ Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, Liv. IV, cap. XCI, pp. 279 e segs.

¹⁵ Maria Olímpia da Rocha Gil, *O Arquipélago dos Açores no século XVII. Aspectos sócio-económicos (1575-1675)*, Castelo Branco, 1979, pp. 282 e segs.

¹⁶ Para a evolução do preço do trigo na Ilha de S. Miguel durante o século XVI ver Vitorino Magalhães Godinho, «A Revolução dos Preços e as Flutuações Económicas no século XVI», in *Ensaio*, Vol. II, Lisboa, Sá da Costa, 1978, pp. 223 e segs.

que esta era mais uma dificuldade que as populações rurais do arquipélago tinham de enfrentar ¹⁷.

Além disso pode ainda pensar-se que as próprias vicissitudes político-militares relacionadas com a subida dos Filipes ao trono português, e que vieram também a reflectir-se nos Açores, teriam tido efeitos desastrosos na vida económico-social destas ilhas ¹⁸.

Sendo assim, não é de admirar que os necessitados tenham aumentado sensivelmente, tanto em números absolutos como em números relativos, a partir do ano de 1580.

Efectivamente, enquanto que no período compreendido entre 1556 e 1571 a percentagem de pobres se cifrou nos 27,40 % (num total de 343 óbitos temos 94 pobres), a partir de 1580 a situação modificou-se.

De facto nos últimos 21 anos da centúria quinhentista, para um total de 863 óbitos encontramos 342 pobres, o que nos dá uma percentagem de 40,52 % ou seja, superior em 12,96 % à dos 16 primeiros anos do período estudado.

São pois estes dados que nos permitem afirmar que, após 1580 houve um verdadeiro surto de pauperismo na paróquia de Nossa Senhora da Estrela, nomeadamente nos anos de 1583, 1584, 1585 e 1588 em que a percentagem dos necessitados atinge valores acima dos 50 % (respectivamente 55,55 % 52,57 %, 52 % e 63,88 %).

Percentagens consideráveis verificam-se também nos anos de 1586 (40,62 %), 1591 (43,58 %), 1594 (46,66 %) 1596 (43,47 %), 1597 (45,16 %), 1598 (47,54 %), 1599 (44,11 %) e 1600 (45,61 %). Vemos assim que nos últimos 5 anos do século XVI a percentagem de pobres na freguesia da Matriz da Ribeira Grande apresenta valores superiores aos 40 %, o que nos pode levar a pensar que esta tendência se virá a manter no século XVII.

¹⁷ Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, Liv. IV, 1926, p. 24.

¹⁸ Francisco Carreiro da Costa, *Esboço Histórico dos Açores*, Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, [1978], pp. 191 e segs.

Reportando-nos ainda aos últimos 21 anos do período quinhentista, é possível verificar-se que apenas nos anos de 1581 (21,87 %), 1582 (29,16 %), 1587 (11,47 %), 1590 (24,48 %), 1592 (28,20 %) e 1595 (19,44 %) se registam valores inferiores a 30 %.

Mais aproximadas da percentagem total dos pobres na freguesia da Matriz (36,15 %) são as que ocorrem nos anos de 1580 (38,23 %), 1589 (32,35 %) e 1593 (36,84 %).

De notar que os valores encontrados para os anos de 1583 e 1595 são anormalmente baixos, pelo que poderemos perguntar se efectivamente eles correspondem ou não à realidade.

Passando agora a apreciar os dados referentes aos 16 primeiros anos da época estudada, interessa desde já sublinhar que apenas nos anos 1561 (52,94 %), 1568 (42,85 %) e 1570 (44,44 %) as percentagem de pobres se elevam acima dos 40 %.

Com excepção do ano de 1566 (30 %) todos os outros valores se situam entre os 5,55 % e os 29,03 %, havendo mesmo dois anos, 1560 e 1571, em que os sacerdotes não registam qualquer falecimento de indivíduos pobres. No entanto, neste caso, convém precisar que os óbitos relativos a estes anos são apenas de 5 e 3 respectivamente, pelo que é mais seguro atribuir esta ausência de desfavorecidos às lacunas existentes no primeiro livro de óbitos da freguesia de Nossa Senhora da Estrela.

É de lamentar que estas lacunas nos impeçam igualmente de ter uma ideia sobre a evolução da pobreza durante os anos 70, pois, se possuíssemos estes dados, a nossa visão deste problema, ou seja o pauperismo na freguesia da Matriz, seria bastante mais completa.

Todavia, e para tentar ultrapassar estas dificuldades, poderemos recorrer a outros elementos que nos permitam, pelo menos, formular algumas hipóteses. Entre esses elementos devemos mencionar os preços do trigo na ilha de S. Miguel durante o século XVI e as crises que se abateram sobre várias regiões do continente português durante a década de 70.

Se consultarmos os preços do trigo relativos a este período, constatamos que eles se mantêm bastante altos. Inclusivamente

em 1575 este cereal atinge o preço mais alto do século, 12750 rs por moio, o que se deve ao facto de ter havido neste ano uma anormal escassez de pão, que atingiu também o continente¹⁹.

Aliás, interessa referir que, durante os anos 70 do século XVI, algumas regiões de Portugal Continental irão ser afectadas por dificuldades de vária ordem, motivadas por intempéries, esterilidades, crises económicas e pestes, dificuldades estas que, como é óbvio, provocam um aumento muito significativo do número de pobres²⁰.

Dadas as estreitas relações existentes entre as economias açoreana e continental, será lícito perguntar se estas crises não teriam tido também reflexos no arquipélago.

Partindo destes dados, preços altos do trigo em S. Miguel e possível influência das crises verificadas no continente na vida das populações açoreanas, talvez não seja muito arriscado concluir que os habitantes da Matriz da Ribeira Grande teriam conhecido bastantes dificuldades de ordem económica no período compreendido entre 1571 e 1579.

Quanto à outra paróquia da Ribeira Grande, S. Pedro da Ribeira Seca, a questão da pobreza parece não se ter posto com tanta acuidado, como aliás já foi referido.

Com efeito, só nos anos de 1581, 1588, 1590 e 1593 é que aparecem alguns indivíduos a que é atribuída a classificação de pobre. As percentagens em relação ao total de óbitos registados nos referidos anos são, respectivamente, de 25 %, 33,33 %, 25 % e 22,22 % e, em relação ao total dos óbitos, de 8,33 %.

Se juntarmos estes dados aos que encontramos para a Matriz, a percentagem total dos óbitos de pobres da Ribeira Grande passará a ser de 33,86 %, o que é ainda um valor consideravelmente elevado.

¹⁹ V. Magalhães Godinho, *art. cit.*, pp. 231 e segs.

²⁰ António de Oliveira, *A Vida Económica e Social de Coimbra de 1537 a 1640*, vol. I, Coimbra, 1971, pp. 255 e segs.

Convém, no entanto, dizer que os pedintes constituem uma percentagem mínima em relação ao total dos necessitados, na medida em que são apenas assinalados 5 mendigos, 3 na Matriz e 2 no Ribeira Seca, num total de 445 pobres, o que corresponde a uma percentagem de 1,12 %.

Pode concluir-se portanto, uma vez mais, que a miséria extrema não teria afectado muito os moradores da Ribeira Grande. Todavia, por outro lado, também não se pode duvidar que existiam pessoas necessitadas, mesmo entre aqueles que exerciam uma actividade profissional à hora da morte.

III. O PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS POBRES NA RIBEIRA GRANDE

Um outro aspecto relevante que interessa analisar, é o que se relaciona com a situação social e profissional dos pobres, devendo desde já afirmar-se que é errado supor que os economicamente débeis se recrutavam apenas entre os pedintes, vagabundos ou desempregados.

Também neste domínio os livros de registos paroquiais nos fornecem dados preciosos porque nos permitem conhecer os officios exercidos por alguns necessitados.

Infelizmente as anotações referentes às ocupações ou à posição social dos defuntos são, na maior parte das vezes, muito limitadas, tornando-se necessário encontrar uma razão que justifique estas omissões.

Uma explicação para esta escassez de informações seria a negligência dos sacerdotes que, amiudadamente não assinalariam a profissão dos falecidos. Porém estas hipótese coloca-nos algumas dificuldades pois não sabemos o que levaria os padres a anotar as profissões nalguns casos e a omiti-las noutros.

Por outro lado, pode também pensar-se que os registos paroquiais reflectem fielmente a realidade sócio-profissional das populações, uma vez que nesta época era frequente o emprego sazonal e, sendo assim, não era impossível que determinada pessoa, que tivesse exercido um ofício na sua juventude, estivesse inactiva na altura da morte, principalmente se esta ocorria numa idade avançada.

Na impossibilidade de responder cabalmente a esta questão, resta-nos analisar o grupo de pobres cuja profissão vem indicada nos registos de óbitos.

Dos 436 necessitados cujo falecimento foi registado na freguesia de Nossa Senhora da Estrela entre 1556 e 1600, 71 tinham uma ocupação à hora da morte, o que equivale a uma percentagem de 16,28 %²¹.

No quadro que se segue, reunimos todas as classificações sócio-profissionais que encontramos nas actas de óbito da Matriz e o que logo nos atrai a atenção é a elevada percentagem de pobres (57,74 %) que existia entre os artífices²².

Uma razão que talvez possa explicar este facto é a já citada crise da agricultura açoreana que, provocando uma subida nos preços dos géneros de primeira necessidade, à cabeça dos quais se encontrava o trigo, vinha restringir o poder de compra dos mais desfavorecidos que se viam obrigados a prescindir doutros bens menos necessários, como é o caso dos produtos artesanais. Deste modo não admira que também este sector enfrentasse dificuldades, dificuldades essas que estariam na origem do empobrecimento dos artífices.

Quanto aos outros grupos sócio-profissionais, as percentagens de pobres são muito mais reduzidas, cifrando-se em 15,49 % entre os que se dedicam ao comércio, transporte e serviços e em 12,67 % no que diz respeito aos pescadores, que deveriam constituir uma camada bastante desfavorecida do ponto de vista económico.

²¹ B.P.A.P.D., *Paroquiais*, Livs. 1 e 2 de óbitos.

²² Ver Quadro II.

E, em relação à igreja, exército, agricultura e escravos, o número de pobres é tão diminuto que não merece qualquer comentário especial.

De anotar também que os registos de S. Pedro da Ribeira Seca são totalmente omissos no que diz respeito à situação profissional dos necessitados que aí faleceram²³.

Com este pequeno artigo pretendeu-se demonstrar que os arquivos paroquiais são documentos extremamente importantes para quem queira fazer a história do pauperismo no nosso país.

De facto, na ausência de outras fontes, nomeadamente censos gerais e locais, apenas os registos paroquiais nos permitem fazer a análise quantitativa de um problema tão grave e tão premente, como foi a pobreza em Portugal e na Europa durante toda a Época Moderna.

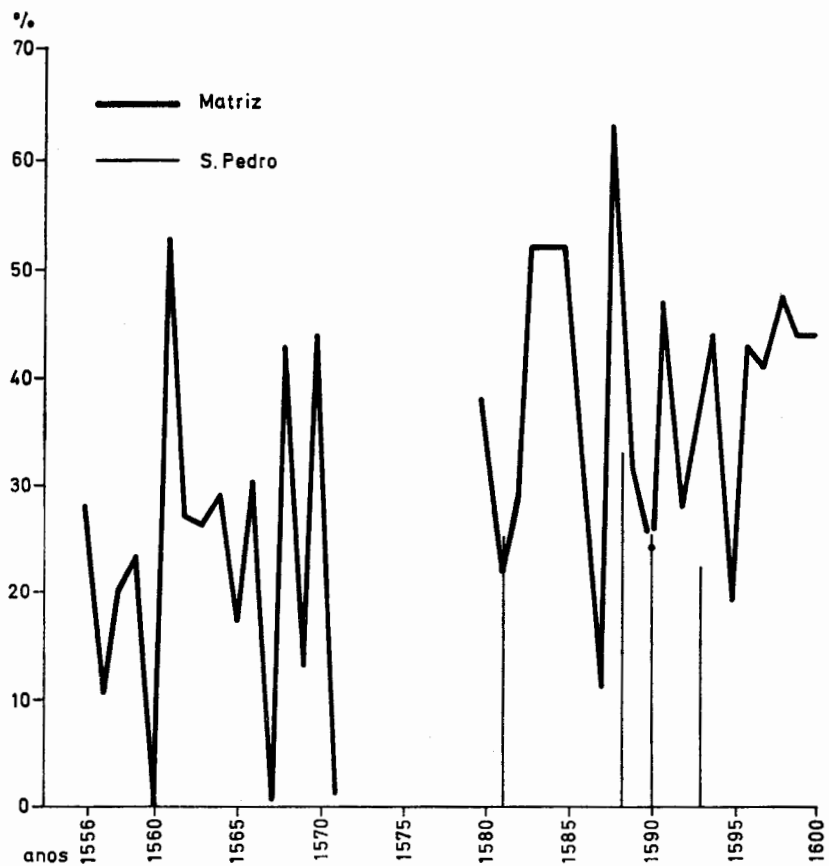
²³ B.P.A.P.D., *Paroquiais*, Liv. 1 de óbitos da Ribeira Grande.

QUADRO II

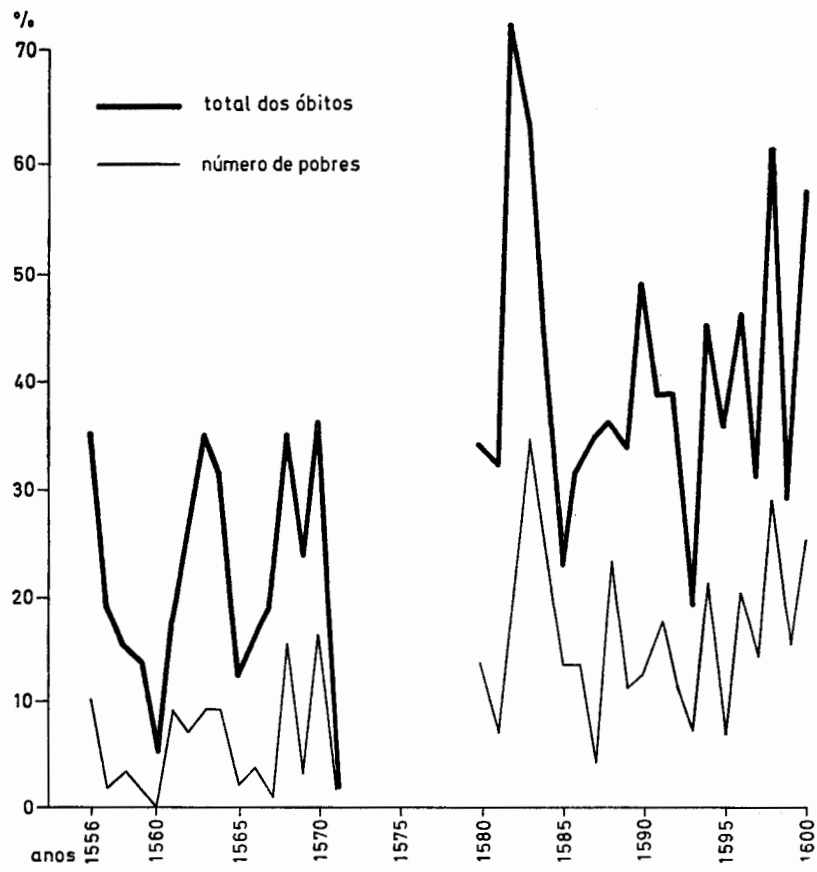
SITUAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL DOS POBRES FALECIDOS
NA MATRIZ DA RIBEIRA GRANDE DURANTE A SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XVI

SECTORES	PROFISSÕES	N.º	%
Artífices	Caldeireiro	2	
	Carpinteiro	3	
	Surrador	3	
	Tecelão	6	
	Capacheiro	1	
	Esteireiro	1	
	Sapateiro	11	
	Alfaiate	3	
	Ferreiro	1	
	Gameleiro	2	
	Oleiro	1	
	Moleiro	1	
	Pedreiro	5	
	Cabouqueiro	1	
	TOTAL	41	57,75
Comércio, Transportes e Serviços	Criado	3	
	Porteiro	1	
	Mestre de Gramática	2	
	Bateleiro	1	
	Parteira	1	
	Carniceiro	3	
	TOTAL	11	15,49
Igreja	Ermitão	2	
	Cantor da Igreja	1	
	Religioso	1	
	TOTAL	4	5,63
Militares	Soldado	2	
		TOTAL	
Agricultura e Pesca	Abegão	1	
	Pescador	9	
	TOTAL	10	14,08
Classificações sociais	Escravos	3	
		TOTAL	

A POBREZA NA RIBEIRA GRANDE NO SÉCULO XVI



Percentagem de óbitos de pobres nas freguesias da Matriz e Ribeira Seca da Ribeira Grande



Mortalidade e pobreza na Matriz da Ribeira Grande